

O CÍRCULO DE VARNHAGEN E A ESCRITA HISTÓRICA NO OITOCENTOS

Ana Priscila de Sousa Sá *

Introdução

Em artigo ao jornal O Panorama de 1841, Varnhagen deu parecer sobre a recente edição de “Cultura e opulência do Brasil” ora à venda em Lisboa. Feita a apreciação dos méritos do livro de 1711 do jesuíta André João Antonil, avalizou: “terminamos recomendando tal obra a todos aqueles que à vista da simples e imparcial narração que acabamos de fazer julgarem que lhes deve ser de interesse” (VARNHAGEN, 1841, p. 208).

A tranquilidade em avaliar aquele que era considerado um dos mais importantes registros do período colonial da antiga América portuguesa provinha de um já significativo conhecimento acerca da documentação relativa ao Brasil presente em arquivos e bibliotecas de Portugal, lugar onde se deu sua formação intelectual. Como referiu em carta ao Imperador de fevereiro de 1852, foi um jovem que se criou entre “papéis e correspondências daqueles séculos de mais lealdade e civismo” (VARNHAGEN, 1961, p. 170),¹ declaração que desnudava certa devoção ao imperial destinatário que o patrocinava em suas publicações e sua linhagem, mas também uma intimidade com a investigação de cariz histórico desde muito cedo. Não era por menos que assinava artigos num dos mais influentes periódicos da capital portuguesa da época.² Esse contexto permite refletir as razões pelas quais se julgava competente para proferir tal sentença, uma pista possível é a de que tamanha segurança se justificava pelo exercício laborioso e diligente de perscrutar fontes por conta própria e auxiliado por uma rede de sociabilidades que se apresentava igualmente uma pesquisa, contando com amigos, pesquisadores em vários países e tipos de cargos.

Varnhagen planejou escrever história observando as práticas inerentes ao ofício do historiador de sua época e uma das mais notáveis era a pesquisa arquivística. Quando foi indicado para copiar e enviar documentos sobre a história do Brasil para a sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) na Corte, serviu-se da experiência adquirida nos anos de trabalho anteriores visando editar suas primeiras obras. No ofício de dezembro de 1839 em que recomendava o jovem Varnhagen para o serviço diplomático do Império, o Representante do Brasil em Portugal Antônio de Menezes Vasconcelos de Drummond escreveu ao Ministro de Assuntos Estrangeiros do Brasil Caetano Maria Lopes da Gama que:

* Doutoranda em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Bolsista FAPEMA.

1. Trata-se da primeira carta que remeteu ao Imperador após receber tal honraria na véspera de sua partida do Rio de Janeiro para Madri em 14 de dezembro de 1851 depois de uma curta temporada no Brasil.

2. Fundado em 1837 e publicado pela tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, o jornal O Panorama funcionou como porta-voz das novas ideias historiográficas, científicas e artísticas emergentes na intelectualidade de Lisboa, apresentando-se publicamente como seguidor do modelo britânico da Penny Magazine, revista que trazia matérias sobre assuntos variados para atrair leitores de todas as camadas sociais, contribuindo para a instrução pública. Também foi reconhecido como o principal meio de difusão do movimento romântico no país. Ver: SILVA, 2014.

[...] ninguém melhor do que ele está em circunstâncias de prestar importantes serviços neste gênero histórico e geográfico, não só pelas relações íntimas, que tem, com os empregados dos arquivos e bibliotecas deste Reino, e da Academia Real das Ciências, de que é membro, mas também porque conhece praticamente tudo quanto existe acerca do Brasil, de que faz seu particular estudo em qualquer parte deste Reino. [...] Pretende ser empregado no serviço público do Brasil, sua pátria de nascimento, e nós ganharíamos com isso, suponho eu, mormente se ele fosse empregado com o título de adido a esta Legação, com encargo especial de coligir documentos e diplomas para a História do Brasil e diplomacia, coordená-los e analisá-los (Apud GUIMARÃES, 2022, p. 186-187).

A imagem aludida por Drummond revelou um Varnhagen que tinha aquele “gosto” pelos arquivos característico da escrita histórica oitocentista e que tanto figurou em sua correspondência pessoal. Sobre a Torre do Tombo em Lisboa, por exemplo, Varnhagen ajustou em carta de 1843 que tinha “entrada amplíssima para mexer à minha vontade, por uma ordem do Governo, requerida oficialmente a favor do Secretário Interino da Legação, que hoje é este seu criado, como sabe” (VARNHAGEN, 1961, p. 112).³

As “relações íntimas” com funcionários dos arquivos mencionadas no ofício agora se reforçavam com a qualidade de uma missão oficial do Império do Brasil. Pesquisador promissor, passou a ser também um representante do governo brasileiro nos corredores de bibliotecas europeias. Entender como Varnhagen chegou até o chefe da diplomacia imperial em Portugal e conseguiu entrar para grêmios como a Academia Real das Ciências de Lisboa e o IHGB passa por percorrer certo itinerário que vai de seu nascimento até seu talento em matéria de analisar e encontrar documentos inéditos, transformando-os num relato historiográfico. Filho de Frederich Ludwig Wilhelm Varnhagen – engenheiro militar que a Coroa portuguesa mandou ao Brasil para estar à frente dos negócios da fundição de ferro no interior de São Paulo, junto com outros cientistas como o Barão de Eschwege – Francisco Adolfo nasceu em 1817 quando o pai dirigia a Real Fábrica de Ferro do Ipanema em Sorocaba, e ainda na infância seguiu com a família para Lisboa. A posição do pai de funcionário da Coroa lhe permitiu ingressar no Real Colégio Militar da Luz, onde concluiu a formação em engenharia militar, entrou para a Academia de Fortificações, e daí em diante passou a se dedicar a cursos diversos como mineralogia, diplomática e paleografia, todos aproveitados ao longo da carreira. Apesar da personalidade muitas vezes descrita como polêmica e irascível, foi um sujeito que se preparou e

3. Carta a Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara de 3/6/1843.

soube aproveitar as oportunidades que seu tempo e o espaço que ocupava na Lisboa da primeira metade do século XIX podiam oferecer a um jovem estudioso, com boa formação e frequentador de círculos intelectuais. A partir desses contatos conseguiu ingressar na diplomacia em 1842, permanecendo até a morte em 1878, foi admitido sócio da Academia de Ciências por indicação de Eschwege, e do IHGB – onde já travava amizade com um dos fundadores, Januário da Cunha Barbosa – após a oferta de seu primeiro trabalho de edição crítica, as *Reflexões críticas sobre o escrito do século XVI* (1839), acerca do Tratado descritivo do Brasil de Gabriel Soares de Sousa de 1587.

Amizade e escrita histórica na correspondência de Varnhagen

Considerar a epistolografia do autor como fonte para acompanhar esse caso é um exercício interessante por oferecer a letra de quem escreveu as cartas, por ela é possível entrever ideias, anseios, confissões, relações de amizade, de trabalho. Importa apontar que o conteúdo de cartas pessoais não é mais verdadeiro que outro tipo de documento por ser um produto íntimo, aparentemente mais espontâneo e não voltado para o conhecimento público. Como todo material, as cartas guardam uma intenção e muitas vezes são utilizadas para fins específicos como solicitação de cargos, troca de favores, variados pedidos ao destinatário. Um dos potenciais da pesquisa em arquivos privados é que ela oferece indícios para configurar as redes dinâmicas e heterogêneas nas quais letrados como Varnhagen se projetavam, as formas de circulação do conhecimento entre os pares (IUMATTI; NICODEMO, 2018, p. 100). A correspondência se apresenta, assim, como ato de sociabilidade.

A leitura da correspondência ativa de Varnhagen possibilita uma aproximação do modo como ele lidava com o trabalho de historiador, dispondo dados relativos à pesquisa, pedidos de cópias, informações de documentos raros para edição, anotações (Ibidem, p. 22). Pode-se dizer que a escrita de cartas atuava como um método de pesquisa eficiente, porque obtinha o retorno do interlocutor na tarefa solicitada, e muitas vezes dispensava a necessidade de deslocamento, sendo ainda mais viável em caso de poucos recursos ou tempo restrito para resolver alguma dúvida no momento da redação do texto. Num tipo de escrito que funciona como uma forma de conversação (GONTIJO, 2008, p. 55), o empenho pela pesquisa histórica foi um elemento marcante na correspondência do autor. Na maioria das 242 cartas coligidas e anotadas por Clado Ribeiro de Lessa Varnhagen comentou sobre seus procedimentos de trabalho, deu indicação de fontes, aconselhou amigos sobre feitura de trabalhos futuros, pediu cópias para si, ofereceu cópias para colegas. Em muitas ocasiões e com variados interlocutores tratou de seus projetos de escrita e edição de

obras de outros autores que considerava relevantes para o conhecimento da história do Brasil e também de Portugal, agregando neste caso também obras literárias como a publicação das *Trovas e cantares de um códice do XIV século* (1849). Discutir elementos da historiografia de Varnhagen a partir da correspondência foi a tarefa que busquei acolher neste trabalho, enfocando especialmente a rede de sociabilidades do autor que se dá a ler nela. Logo, assumindo que as cartas pessoais podem ser vistas como lugar de subjetividade e de sociabilidade (GONTIJO, 2008, p. 51-54) – para quem escreve e para quem recebe, aproximando os missivistas, construindo laços de amizade e revelando uma multiplicidade de interesses em ambiente privado – cumpre problematizar como esse espaço foi produzido por Varnhagen.

Categoria heterogênea, a correspondência engloba missivas oficiais/públicas e privadas/íntimas, diferindo o escopo entre solicitações de emprego, atualização de notícias, comentários pessoais, discussões de temáticas variadas. Um dos interlocutores mais frequentes entre 1839 e 1849 foi o diretor da Biblioteca de Évora Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, para quem declarou que:

Sendo em objeto literário devo dizer que tenho relações com pessoas de m^{to} saber nesta cap^{al} q poderão ser de utilid^e – Se for de objetos de Bibliografia tenho amizade com o Redator do *Panorama* o Sr. Alexandre Herculano, q foi agora despachado Bibliotecário da Bib. Real; e poderá dar m^{ta} notícia – Além disso eu próprio tenho extenso conhecimento da Bibliografia Portuguesa especialm^{te} de Ms. Sobre coisas ultramarinas, de que agora há tanta *azáfama* na Europa, e tenho visto as principais Bib. de Part^{es} (VARNHAGEN, 1961, p. 24. Grifo do autor).⁴

Varnhagen se movimentava bem pelos espaços letrados de Lisboa e cidades arredores, teceu relações de amizade com autores que teriam obra longa e reconhecida no país como Diogo Kopke, Alexandre Herculano e Almeida Garret. Deste último disse ter muito desejo “de o ver e de repetir em horas de conversação cenas análogas às que passamos algumas noites no largo das Chagas e uma ou duas manhãs no Passeio Público” (VARNHAGEN, 1961, p. 157).⁵ Ao Visconde de Sá da Bandeira foi além: “Mais ou menos por toda a parte tenho conhecidos para o caso de se oferecer alguma coisa a V. Ex^a.” (VARNHAGEN, 1961, p. 153),⁶ dando conta de recente itinerário por Inglaterra, Alemanha, França e Espanha. A amizade aparecia como elemento de coesão. Mesmo não compartilhando tanto tempo juntos, ou mesmo demorando a se conhecer pessoalmente, a frequente troca de cartas aproximava os missivistas e estreitava os laços possibilitando a Varnhagen, por

4. Carta de 03/07/1839.

5. Carta de 03/07/1839.

6. Carta de 01/08/1847.

exemplo, sentir-se autorizado a convidar Cunha Rivara para o *perum pascal* na casa de Garret, adiantando que não iria por já haver contraído outro compromisso, mas garantindo que Herculano lá estaria (VARNHAGEN, 1961, p. 134).⁷

O bibliotecário também era foco de muitos conselhos: “V. S^a conhece bem o jornal *Panorama*, a cuja redação até hoje presidia o Sr. Herculano. Eu lembrei à Direção que V. S^a seria de grande vantagem q entrasse na redação” (VARNHAGEN, 1961, p. 29. Grifo do autor)⁸. Insistiu que participasse de um “curso sobre Clássicos”, disponibilizando-se para “(sem declarar de quem) lê-los aos meus amigos Acadêmicos incluindo o Sr. Bispo Conde, que será o que há de ter mais voto na matéria” (VARNHAGEN, 1961, p. 33)⁹, o que sinalizava livre trânsito entre os círculos literários da capital. Chamando-lhe a atenção para a Revista Universal, informou que “Vai-se fundar outro jornal – A Revista do Conservatório – que sai no princípio do mês que vem”, arrematando com um “A propósito V. S^a. já está aprovado e de todo nosso sócio do Conservatório, como lhe irá de ofício” (VARNHAGEN, 1961, p. 76).¹⁰

Não deixava de comentar sobre os trabalhos dos amigos. Certa feita afirmou a respeito de Alexandre Herculano que: Quanto à doutrina é a dele já velha e apresentada bonita que era para as leituras que o conselho quis fazer ano passado, e agora passaram a ser cartas. Fazer começar a História de Portugal em D. Henrique não é novidade, é o uso dos antigos e do moderníssimo Schaefer, que diz mesmo que todo o resto pertence à Espanha. Enfim, bom é que ele vá escrevendo ainda que em sentido contrário às nossas persuasões, pois de tudo se ganha: até das maçadas que ele com má intenção quis dar no pobre e bom D. Luiz. (VARNHAGEN, 1961, p. 88-89)¹¹.

A apreciação das “Cartas sobre a História de Portugal” (1842) publicadas por Herculano na Revista Universal Lisbonense – reflexões que levaram a um projeto de maior fôlego, a “História de Portugal” (1846) – sinalizava que Varnhagen conhecia os métodos da moderna historiografia, não vendo grande novidade nas escolhas do colega d’O Panorama, bem como externou uma reprovação da abordagem acerca da questão religiosa, citando a animosidade com D. Francisco de São Luiz, o Cardeal Saraiva. Essa avaliação tinha tanto de sua crítica histórica, quanto a defesa de outro amigo a quem reiterava os agradecimentos pela “distintas provas de amizade, com que V. Em^a. me tem sempre favorecido” (VARNHAGEN, 1961, p. 89)¹², sendo sua simpatia “um poderoso estímulo, para as minhas aplicações literárias” (VARNHAGEN, 1961, p. 106).¹³

O Patriarca de Lisboa foi Guarda-mor da Torre do Tombo e Vice-Presidente da Academia Real das Ciências de Lisboa. Quando da submissão das *Reflexões Críticas*, o parecer do Cardeal foi o de que Varnhagen corrigiu os principais defeitos da obra de Gabriel Soares, firmando-lhe o título, a data e o autor, até então desconhecidos, com “bom juízo e discernimento, com estilo claro e conciso, e com erudição

7. Carta de 1845.

8. Carta de 17/08/1839. Alexandre Herculano foi redator d’O Panorama entre 1837 e 1839.

9. Carta de 04/09/1839.

10. Carta de 25/05/1842.

11. Carta de 31/10/1842.

12. Carta de 22/11/1842. Sobre a polémica entre o escritor e a Igreja, ver: HERCULANO, 1850.

13. Carta de 1843.

curiosa, oportuna, e não enfastiada” (LESSA, 1954, p. 100-103), aplaudindo sua designação para a Classe de Ciências Morais e Belas Letras.

Passou a intermediar contatos: “A carta para o Januário irá na 1ª ocasião, quando o Ministro tenha desimpedido os dois papeis que V. Sª mandou e que ele quer primeiro ler” (VARNHAGEN, 1961, p. 71).¹⁴ Logo, daria notícia de uma possível entrada para o Instituto. Noutra mostra de que poderia usar seus contatos para ajudar o amigo, aventou se ele não gostaria do posto de Bibliotecário mor do Alentejo e daí talvez um posto diplomático na Legação da Espanha: “cá falaremos mais francamente e veremos o que o Patriarca [...] pode fazer com a sua influência” (VARNHAGEN, 1961, p. 130),¹⁵ referindo-se ao Cardeal Saraiva. O interesse em aproximar ainda mais o amigo fazia-o lamentar a distância geográfica que os separava: “Eu sou assinante de um círculo alemão de trinta pessoas, onde temos muitos Jornais alemães e franceses. – Mas o círculo não tem tão grande raio que possa abranger Évora” (VARNHAGEN, 1961, p. 48).¹⁶ Apesar da falta das cartas de Cunha Rivara, que auxiliariam a reconstituir melhor o cenário, observa-se que ambos construíram um diálogo aparentemente harmonioso e com muito respeito. Nesse sentido, as formas de tratamento que abriam as cartas e as despedidas indicavam o teor das relações entre os dois, bem como exibiam a disposição do remetente em falar sobre si, seu estado de humor, as novidades, situações cotidianas ou outros tipos de sentimento (GONTIJO, 2004, p. 106). No meio da carta ainda podiam aparecer declarações como as de que “É verdade que tenho passado muito sem lhe escrever. A razão orça meio pelo trabalho e meio não pela preguiça, mas pela vadiação” (VARNHAGEN, 1961, p. 71).¹⁷ Esse tipo de conversação aproximava e estimulava os missivistas a manterem o vínculo. Na primeira carta enviada, Varnhagen encetou o diálogo recordando da intermediação pelo amigo Aleixo Paes e fiando a continuidade da correspondência no comum no “saber e amor às letras”, daí se sentir confortável em lhe pedir “auxílio lit.º” (VARNHAGEN, 1961, p. 21),¹⁸ oferecendo-se em contrapartida para fazer o que lhe fosse determinado e um exemplar do que já se tinha impresso das *Reflexões críticas*.

Ao longo dos anos, as saudações evoluíram de um chamamento mais formal como *Ilmo. Sr.* para um *Ilmo. Amº. e Sr.*, logo mais um *Amigo do C.*, até o curioso *Meu Riquinho* em carta de fins de 1841. As despedidas acompanharam esse mesmo movimento, de declarações mais distanciadas como *Att.º* e *Obg.º Criado* para expressões que denotavam crescente proximidade e vínculo afetivo como em 1841 onde já desejava: “tenha muita saúde e dinheiro” (VARNHAGEN, 1961, p. 71). Trocando ideias, livros e atividades de interesse comum,

14. Carta de fins de 1841. Trata-se do primeiro-secretário do IHGB Januário da Cunha Barbosa. Varnhagen foi admitido sócio correspondente da Academia em 24 de maio de 1839, aos 23 anos de idade.

15. Carta de 18/11/1844.

16. Carta de 18/11/1844.

17. Carta de fins de 1841.

18. Carta de 03/07/1839.

a relação de amizade entre Varnhagen e Cunha Rivara tendia também à realização de projetos individuais.

Indicações para periódicos e grêmios literários foram frequentes na correspondência de Varnhagen. Ao cônego Januário da Cunha Barbosa sugeriu a aceitação para sócio do autor da “Poranduba Maranhense ou Relação histórica da província do Maranhão” do Fr. Francisco de N. Sra. dos Prazeres Maranhão, livro ora enviado ao Instituto, oferecendo-se para fazer a mediação (VARNHAGEN, 1961, p. 108).¹⁹ Pedia emprestado e emprestava, além de não se furtar a falar de seus próprios trabalhos. Para Ferdinand Denis, à época diretor da Biblioteca Santa Genoveva de Paris, mandou um exemplar do *Florilégio da poesia brasileira* (1850), coleção em que coligiu obras de poetas brasileiros, firmando a nacionalidade como parâmetro para a seleção dos poemas. Como mostra de amizade e admiração, notificou o brasilianista que assistiu a sessão da Academia das Ciências de Lisboa em que foi apresentada seu “Fête Brésilienne” (1850) e aproveitou “a oportunidade para dizer algumas palavras sobre o valor desse trabalho” (VARNHAGEN, 1961, p. 159).²⁰ acenando para a proposição do autor para os quadros da Academia, tarefa que garantiu não deixar que os consócios esquecessem.

As preocupações com a pesquisa histórica não deixavam de ocupá-lo, e Cunha Rivara foi importante interlocutor. Pediu informações complementares para checar pontos das *Reflexões críticas* antes da obra ser totalmente impressa, recomendou-lhe obras, algumas cartas traziam qualificação e caracterização de fontes, dados a respeito de coleta de documentos em arquivos e bibliotecas, a localização e a prática de edição dos que considerava importantes para o conhecimento da história, e mesmo os que não dava tanta relevância, mas poderia compor o catálogo da Biblioteca dirigida pelo amigo. Com o cônego Januário da Cunha Barbosa e superiores do serviço diplomáticos aconteceu expediente semelhante. Então membro do IHGB, Varnhagen se achava devedor de comunicar ao primeiro-secretário seus progressos na tarefa para a qual foi designado. Além da notícia de vários manuscritos, viagens e achados documentais, estabeleceu um laço que podia ser traduzido pela saudação que introduziu algumas cartas: *Amigo Firme*. Ao Ministro Vasconcelos de Drummond remeteu um longo ofício expondo as atividades que desempenhou na comissão designada pelo governo imperial para pesquisar na Espanha, anexando uma extensa lista de documentos, mapas e livros que sua comissão obteve, inclusive os livros comprados por conta própria (VARNHAGEN, 1961, p. 148-151).²¹

As cartas funcionam como espaço de discussão e fornecem indícios do modo como o autor produzia seus trabalhos, desenvolvendo ao mesmo tempo a atividade crítica e o afeto (GONTIJO, 2004, p. 109-118). Formados pela prática do ofício, Varnhagen e Cunha Rivara compartilhavam

19. Carta de 04/05/1843.

20. Carta de 10/05/1851.

21. Ofício de 14/12/1846.

aspectos que os acercava como o interesse e conhecimento de arquivos públicos e privados, a experiência com documentação manuscrita, e a possibilidade de ler textos em língua estrangeira no original e manter correspondência com estudiosos de outros países.

Outra questão de fundo que apareceu na correspondência de Varnhagen foi o mercado editorial. Os principais comentários nesse sentido foram sobre as práticas de edição do jornal *O Panorama*, do qual apareceu como diretor suplente no ano de fundação. Explicou que era “mau dar artigos grandes e pior é cortá-los” (VARNHAGEN, 1961, p. 34),²² recomendando que Cunha Rivara se preocupasse com a originalidade dos artigos, usando da imaginação para atrair os assinantes do periódico. Para tanto, aconselhou que tivesse mesmo algum “descaramento literário” (VARNHAGEN, 1961, p. 36)²³ ao se lançar ao escrutínio público, incluindo saber lidar com os questionamentos: “Cumpr-me recomendar a V. S^a que esteja em guarda contra algumas conjecturas de Ferdinand Denis” (VARNHAGEN, 1961, p. 45),²⁴ advertiu o amigo sobre um texto em que o elogiava. A orientação era a de que quem se dispusesse a publicar no jornal deveria privilegiar manuscritos inéditos dignos de serem impressos e com assento ao alcance da maioria dos leitores, mesmo que fossem antigos, afiançando a edição pela tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, a mesma da Academia Real de Ciências de Lisboa.

As informações tratavam de conteúdo e de forma. Alertou o amigo mais de uma vez sobre a extensão dos artigos, “nunca maiores de três colunas” (VARNHAGEN, 1961, p. 34), depois avisou que o periódico tiraria “o cabeçalho que traz em todos os números e que ocupa o lugar de um pedaço de texto” (VARNHAGEN, 1961, p. 43)²⁵ e que o jornal voltaria à “letra miúda” (VARNHAGEN, 1961, p. 76),²⁶ mudanças que incidiam diretamente na formatação dos textos. Também intermediava publicações de maior monta, como expresso na carta de 25 de setembro de 1839: Mostrei à Direção a proposta de V. S^a incumbir-se de arranjar o 1^o vol. (a 1^a Crônica), com as competentes notas etc. tudo escrito em ortografia moderna, boas introduções etc., mediante o valor líquido de um certo número de exemplares, ou, se quiser, de uma fração de ganho. Seria bom começar por alguma mais antiga não impressa pela Academia por ex. D. João 1^o por Lopes.

Esta cópia será depois lida pelo Sr. Bispo Conde, e V. S^a não perdendo com isto, muito crédito ganhará e o ajudará a ganhar à Sociedade, que está pelo que V. S^a achar bem feito – V. S^a julgará se é melhor a ortografia moderna, se é preciso copiar tudo ou se basta confrontar uma edição etc. e sobre isso poderá ir adiantando traba-

22. Carta de 04/09/1839.

23. Carta de 18/09/1839.

24. Carta de fevereiro de 1840.

25. Carta de dezembro de 1839. Sob a proteção da rainha, a Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis tinha por objetivo promover o desenvolvimento da educação em Portugal, introduzindo em todas as classes da sociedade o amor da instrução e contribuindo para o progresso material e moral da nação, propósitos apresentados logo no título do periódico, *Jornal Literário e Instrutivo*. Apesar de ter sido uma sociedade filantrópica cujo propósito era a publicação de *O Panorama*, constituiu-se como uma empresa por ações. D. Fernando II e outros membros da Família Real figuraram entre os acionistas e eram assinantes do jornal, uma obrigação, respeitando os Estatutos (Ver SILVA, 2014; HERCULANO, 1837).

26. Carta de 25/05/1842.

lho entendendo-se com os diretores. (VARNHAGEN, 1961, p. 38).

Varnhagen dava a entender que atuava como elo entre um projeto intelectual de Cunha Rivara e o interesse do jornal em editar obras relevantes para o conhecimento público. A missiva é particularmente útil em distinguir tópicos em voga no mundo dos impressos na Lisboa da primeira metade do Oitocentos como a atualização da linguagem para a melhor compreensão e comodidade do futuro leitor, as notas explicativas para explicar e aprofundar a matéria do texto e a novidade do trabalho, atentando para a importância do máximo de ineditismo da obra, daí o conselho de escolher uma mais antiga e ainda não impressa pela Academia Real das Ciências de Lisboa, que fazia muitas edições de obras raras à época. Optar por um livro relevante, mas pouco conhecido, ou iluminar pontos insuficiente ou nada explorados de um já editado despertava preferência nas tipografias. Como corolário, Varnhagen recordou ao amigo que tal empreitada ainda lhe faria boa imagem diante da Sociedade que cuidava das impressões d'O Panorama e do Patriarca de Lisboa, figura de proa das letras portuguesas.

De um lado, publicar implicava selecionar temas e obras que gerassem interesse dos meios impressos que, por sua vez, estavam voltados para o que podia interessar o leitor que assinava os periódicos, e foi nessa direção que preveniu Cunha Rivara de que “o artigo acerca de D. Sebastião não será muito bom que vá no Panorama, porque tem *chalaça demais*” (VARNHAGEN, 1961, p. 45. Grifo do autor),²⁷ denotando que determinados conteúdos e formas de abordagem caberiam ou não nas páginas daquele jornal editado sob a proteção da monarquia e direcionado para instruir a população. De outro, ganhava com o auxílio de uma rede de sociabilidade de extensão suficiente para ter trânsito em lugares estratégicos como direção de bibliotecas, arquivos, revistas. Esta situação ficou bem explanada em cartas como a de dezembro de 1839, quando Varnhagen afirmou que Herculano estava interessado na ideia de Cunha Rivara de editar a Crônica de Fernão Lopes, prontificando-se “da livraria real para o que puder” (VARNHAGEN, 1961, p. 44), firmando que a prática historiográfica desses autores dependia de ligações intelectuais e políticas mais amplas.

Neste momento cabe recordar mais dois elementos comuns a esses autores. Como Varnhagen, frequentavam espaços como o Teatro de São Carlos, alto lugar da intelectualidade em Lisboa, onde travavam contatos com o rei consorte D. Fernando II, também frequentador do Teatro. É possível que tenham pesquisado na Biblioteca real (PROTÁSIO, 2014, p. 28-29). Também Varnhagen e Herculano, por exemplo, pegaram em armas a favor da rainha D. Maria II, filha de D. Pedro IV (D. Pedro I do Brasil), no conflito contra D. Miguel. Declarou em ofício ao general Francisco José de Sousa Soares de Andréa que aderiu pelo

27. Carta de fevereiro de 1840.

entusiasmo “de uma luta tão justa contra um tirano usurpador em prol de uma princesa e umas instituições emanadas do nosso solo, – julguei dever empunhar as armas” (VARNHAGEN, 1961, p. 99).²⁸ Ao se juntar aos defensores das ideias liberais contra o regime de viés absolutista implantado por D. Miguel, Varnhagen então com 17 anos de idade já demonstrava as inclinações políticas que apareceriam posteriormente em seus trabalhos. Anos depois esse episódio lhe deu alguma dor de cabeça para restabelecer a nacionalidade brasileira, posto ter lutado num exército estrangeiro. Também defensor da causa constitucional, Herculano foi exilado. Partiu para Inglaterra e em seguida para a França, regressando em 1832. Começou a trabalhar com livros e documentos das bibliotecas que integravam o patrimônio das ordens religiosas, então de posse do Estado, na Biblioteca do Porto e, de 1839 até sua morte em 1877, na Real Biblioteca da Ajuda como Bibliotecário-mor de D. Maria II, recolhendo manuscritos importantes para suas publicações como os *Portugaliae Monumenta Historica* (1856-1873), mais abundante repositório de documentos impressos sobre a história do Portugal medieval (TASCA, 2017, p. 133-135). Momentos da correspondência com Cunha Rivara registraram a tensão política que rondava Portugal em comentários irônicos como este, ao apreciar criticamente o trabalho de Herculano: “Enfim, tudo é bom, contanto que seja fora da (como V. S^a diz) insulsa, patifa e estúpida política” (VARNHAGEN, 1961, p. 89).²⁹ Para Raquel Glezer, as dificuldades políticas, sociais e econômicas enfrentadas pela sociedade portuguesa após a guerra civil e a experiência de vida política conflituosa ao nível da luta armada explicariam as escolhas pessoais de Varnhagen de se passar ao Brasil, a quem dizia estar ligado seu destino (GLEZER, 2013, p. 53). De fato, a nacionalidade brasileira e a possibilidade de estabilidade num emprego ligado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros se provaram mais vantajosas para a construção de uma carreira e um *bom nome*.

Essas redes de sociabilidade ou redes de pesquisa se construía, portanto, com base em relações de amizade, afinidade de ideias e interesses intelectuais mútuos, sem desconsiderar um componente político. Teciam-se na aproximação afetiva que permitia falar de seu cotidiano e curiosidades sobre si: “casei-me haverá um mês [...], mas bem entendido não foi a valer, foi só por procuração do meu amigo e primo Gonçalo Tello” (VARNHAGEN, 1961, p. 116);²⁹ nas opiniões sobre outras pessoas: “O Visconde de Santarém como diplomata, em meu entender, vale pouco: é uma velha vaidosa e sem tato” (VARNHAGEN, 1961, p. 220);³⁰ no compartilhamento de seus trabalhos, que por muito contou com as cópias manuscritas dos amigos:

28. Carta-offício de fevereiro de 1843.

29. Carta de 31/10/1842. Sobre o referido conflito e os sentidos do liberalismo em Portugal, ver: GÓMEZ, 2000; MONTEIRO, 2008. O governo de D. Miguel (1828-1834) pôs fim à primeira experiência liberal portuguesa e foi marcado pela repressão política aos seus opositores.

30. Carta de 12/01/1855.

“Recebi as diffe^s notas Mss. e de todas farei o uso conveniente” (VARNHAGEN, 1961, p. 28)³¹ para proceder à “continuação do nosso Soares” (VARNHAGEN, 1961, p. 28);³² na oferta de obras de amigos: “Garret não lhe mandou um exemplar do *Alfageme*? (VARNHAGEN, 1961, p. 75. Grifo do autor)³³; nos comentários elogiosos que publicavam sobre os trabalhos dos colegas: “Eu já fui ler, e achei nela a viveza de imagens que agrada ao *respeitável público*, em objetos desta natureza” (VARNHAGEN, 1961, p. 35);³⁴ nas análises de obras de autores contemporâneos com mais ou menos críticas: “Examinando o local de S. Vicente me convenci que Fr. Gaspar não teve razão para sustentar a grande questão a favor da casa de Vimieiro, e as poucas palavras de Pero Lopes me decidirão em sentido contrário” (VARNHAGEN, 1961, p. 53);³⁵ nos pedidos de análise dos próprios trabalhos: “Tomo a liberdade de enviar a V. S^a o incluso exemplar da obra que acabo de publicar, pedindo a seu respeito o favor de uma notícia no seu Jornal com alguma contemplação para com o Editor” (VARNHAGEN, 1961, p. 42).³⁶ O círculo do futuro Barão e depois Visconde de Porto Seguro (1872 e 1874, respectivamente) – títulos que finalmente recebeu já quase no fim da vida – dava a volta por continentes. De um lado e outro do Atlântico, cá abaixo da linha do Equador as amizades se teciam pelas afinidades com a pesquisa histórica. Os anos de serviço na América do Sul (1859-1867) propiciaram a troca direta de cartas e ideias com letrados das Repúblicas do Pacífico.

Recentemente, Lúcia Paschoal Guimarães analisou missivas trocadas entre o historiador brasileiro e Diogo Barros Arana, também historiador e diplomata chileno. As oito cartas evidenciam aspectos do labor historiográfico nas repúblicas ao longo do Oitocentos. Considerada a obra máxima da historiografia chilena do século XIX, Arana publicou uma extensa *Historia general de Chile* entre 1884 e 1902 em 16 volumes, compreendendo desde o período pré-colombiano até 1833.

Inserir Varnhagen em termos historiográficos no contexto sul-americano da época é interessante em dois sentidos principais. O primeiro deles é iluminar que sua passagem pela diplomacia na América do Sul não significou um cessar das atividades de pesquisa pela diminuição das possibilidades que os arquivos europeus ofereciam. A correspondência com Arana indica que o interesse por livros para compor sua biblioteca pessoal, publicações de trabalhos e constante câmbio de obras por meio de amigos permaneceu expediente difundido na vida do autor. Por outro lado, permite sublinhar as diferenças de construção do discurso historiográfico nos países vizinhos, sendo Varnhagen entusiasta mais declarado de uma narração que colocava a colonização europeia no centro de construção da história do Brasil. O assunto das cartas repetia o movimento já observado nas remetidas a demais destinatários que desempenhavam ofício semelhante. Agradecendo o artigo

31. Carta de 29/07/1939.

32. Carta de 17/08/1939.

33. Carta de 16/03/1842. Grifo do autor. Trata-se do *Alfageme* de Santarém, peça de Almeida Garret de 1842.

34. Carta de 18/09/1839. Trata-se de artigo sobre os indígenas escrito por Cunha Rivara para O Panorama.

35. Carta de 20/10/1840.

36. Carta de 22/11/1839 ao redator de um periódico português não informado, talvez O Diretor, o Mosaico ou o Diário do Governo.

escrito por Arana para a imprensa chilena sobre sua recente publicação, *La verdadera guanahani de Colón* (1864), a carta de 10 de março de 1864 deslindou parte da rede de sociabilidades de Varnhagen nos países em que atuou como representante do Brasil, solicitando impressões:

3 para Ud., 1 p^a Sta Maria, outra p^a Lastarria; otra p^a Bello; otra p^a Pardo (D. José) y otra para el Presidente, dos para el Ministro francés y una para el español, y otra para la Bib^a Publica. Tambien pido a Ud. que haga que me sean mandados (pagando Ud. ahi o yo aqui al corresponsal que me digan) los libros que se hallaban separados en la lista que me enseñó Miguel y me fueron regalados por la Universidad (Apud NEVES, 2013, p. 98).³⁷

Os nomes citados – Domingo Santa Maria, Andrés Bello, José Victorino Lastarria, José Pardo y Barreda e Miguel Luis Amunátegui – formavam um conjunto de letrados reconhecidos no continente e ligados à escrita histórica, política, Direito e diplomacia no Chile, mantendo trânsito pela região, alguns com períodos de exílio por questões políticas, e com estudos na Europa. Guardadas as diferenças de formação/atuação, todos tinham um perfil próximo ao de Varnhagen, que ali se aproximou do campo universitário, espaço de debate e pesquisa que nesses países era mais desenvolvido do que no Brasil, por exemplo. Nesses quase dez anos de estadia na América do Sul, já um diplomata experimentado e conhecido dentro e fora do Brasil como historiador, os demais interlocutores de Varnhagen eram os ministros da pasta de Negócios Estrangeiros.

Sua correspondência ativa e passiva demonstrava atores da política externa preocupados com a defesa dos interesses do Império e conscientes de que o fato de ser a única monarquia do continente gerava desconfianças entre as repúblicas vizinhas, além das tensões particulares desses países formados a partir do fim dos Vice-reinos espanhóis na América. A própria atuação de Varnhagen se debateu com essas dificuldades como no caso do confronto entre Espanha, Peru e Chile em torno das Ilhas Chinha. A justificativa da intervenção espanhola de 1864 era a de que o Peru deveria ressarcir a Espanha de supostas dívidas do período colonial, uma vez que esta não havia reconhecido a independência do país andino. A iniciativa de Varnhagen em condenar o bloqueio dos portos chilenos (1865) foi criticada pelo Ministro José Antônio Saraiva, já que a orientação do governo brasileiro era a de manter a neutralidade, visando a uma eventual mediação. No Despacho de 22 de novembro de 1865, Saraiva ajuizou que se o procedimento de Varnhagen não era em si hostil à Espanha, não deixava de ser favorável ao Chile, de modo que não poderia dizer que foi “inteiramente aprovado”

37. Varnhagen serviu diplomaticamente: 1842-1847: Lisboa/Portugal; 1847-1858: Madri/Espanha; 1859: Paraguai; 1861-1863: Venezuela (cumulativamente com a representação na Colômbia e Equador); 1863-1867: Peru (cumulativamente com Chile e Equador); 1868-1878: Viena/Áustria.

(CENTRO DE HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO DIPLOMÁTICA, 2005, p. 18-571).

As redes ensejadas nessas missivas operavam com o desejo de reconhecimento, era a ele que Varnhagen se reportava cada vez que pedia uma demonstração formal em conversas com superiores. Nunca escondeu que almejava ter um *bom nome*: “não se admirará de me ver ainda algum dia por esse mundo feito embaixador” (VARNHAGEN, 1961, p. 88),³⁸ declarou logo após ser nomeado adido da Legação em Portugal. Quase um ano depois lamentou ao mesmo Cunha Rivara: “perdi uma comenda napolitana e outra brasileira [...], um furo acima cá na carreira!” (VARNHAGEN, 1961, p. 112).³⁹ Pensando na construção da própria carreira, num Memorial apresentado provavelmente ao Ministro do Império oficialmente pediu a graça de uma condecoração alegando o que fizera em *prol* do país no campo das letras, entre eles:

Entregou-os a uma composição em que ideou simbolizar no feito d'Amador Bueno a unidade do Império;

Entregou-os a um trabalho em que pretendeu abraçar as Províncias enfeixando n'um só corpo brasileiro chamado Florilégio, o que cada uma delas tem produzido [...];

Entregou-os a escrever as biografias dos falecidos brasileiros distintos, sobre que tem podido colher notícias;

Entregou-os a fazer mais populares na Europa e até no Brasil os *Épicos Brasileiros*;

Entregou-os a preparar uma edição do enciclopédico escritor do Brasil Gabriel Soares, cuja publicação poderá contribuir à glória do Instituto Histórico [...]. (VARNHAGEN, 1961, p. 167-168. Grifo do autor).⁴⁰

Varnhagen era muito firme em argumentar a respeito da importância de seu próprio trabalho, não poucas vezes exaltou seus esforços e as muitas horas e dias que deixou de “se entregar à distração para entregá-los ao Brasil” (VARNHAGEN, 1961, p. 166-167). Cioso do que fazia, o elogio ao amigo Cunha Rivara, “literato destinado a granjear uma grande reputação neste século oscilatório” (VARNHAGEN, 1961, p. 43)⁴⁴, caía-lhe bem. Achava-se mais merecedor de distinções e honrarias que outros colegas diplomatas que lhe pareciam mais agraciados, embora menos empenhados que ele em legar ao Brasil uma obra digna e de reconhecida relevância. Nem as orelhas imperiais foram poupadas nesse intento de se autoafirmar verdadeiro patriota e obrador do país. Muito pelo contrário.

Maior conjunto de cartas coligidas na *Correspondência ativa*, cerca de 68 entre 1852 e 1877 (recebeu autorização em 14 de dezembro de 1851, véspera da volta a Madri), ao monarca, Varnhagen dava conselhos políticos, solicitava condecorações para intelectuais que prestaram serviços ao

38. Carta de 16/10/1842. As Ilhas de Chinha, produtoras de guano, foram tomadas sem ultimato em 16 de abril de 1864.

39. Carta de 03/06/1843.

40. É provável que seja posterior a sua designação para Encarregado de Negócios em Madri em 14 de novembro de 1851. À época, o Ministro do Império era José da Costa Carvalho, Visconde de Monte Alegre

Brasil como o príncipe Maximilian Wied-Neuwied, informava sobre assuntos diplomáticos, suas andanças por países, arquivos e bibliotecas, e do que escrevia e publicava, seus trabalhos de edição, enviava livros do interesse de D. Pedro II, comentava sobre eventos no país em que representava o Império como o “tremendo atentado do cura Merino contra a Rainha Isabel” (VARNHAGEN, 1961, p. 175) da Espanha, e abria espaço para observações de caráter mais íntimo e curiosidades como a ideia de se introduzir camelos nos sertões das províncias do Norte (VARNHAGEN, 1961, p. 171).⁴¹ Em muitas ocasiões fez pedidos diretos como os de não ser mais nomeado para uma Legação nas Repúblicas sul-americanas, pois dificultava suas pesquisas, ou para ser elevado da categoria de Residente para Plenipotenciário, quando de sua estadia em Viena (VARNHAGEN, 1961, p. 338).⁴²

Segundo Rebeca Gontijo, a prática epistolar conjuga simultaneamente as ações de escrever, ver e ouvir, propiciando um tipo de presentificação, a ideia de estar conversando pessoalmente (GONTIJO, 2008, p. 61). Como um fiel áulico à distância, esta sensação de estar diante do Imperador foi muitas vezes promovida por Varnhagen nas missivas. Remetendo o índice da *História geral do Brasil* ao monarca, apressou-se em declarar que “a ninguém antes que a V. M. I. devia eu comunicá-lo, quando a obra é tanto Sua” (VARNHAGEN, 1961, p. 214).⁴³

Mesmo longe, era como se estivesse prostrado aos pés daquele de quem era o mais *leal* súdito, por isso que a *História geral do Brasil* era *nossa história*: dele, do Imperador, do Brasil. Ainda que dissesse não trabalhar com o *fito* na recompensa, mas por amor ao trabalho, assumia que “a ninguém mais que o juízo esclarecido do governo se pode dirigir para obter, por meio de demonstrações públicas, a sanção deste bom nome” (VARNHAGEN, 1961, p. 169). Preparando a edição do primeiro tomo da *História geral do Brasil*, comunicou ao Imperador: “Como conto imprimir a obra em Paris, peço a V. M. I. uma ordem para o Caetano Lopes de Moura se interessar pela edição. Com o F. Denis conto eu já” (VARNHAGEN, 1961, p. 201). O patrocínio imperial se dava a ver em diversas missivas e de modo mais acentuado no assunto da publicação de sua principal obra, figurando na dedicatória:

O autor do presente ensaio de uma compendiosa HISTÓRIA GERAL DO BRASIL, votada àquela associação, de que faz parte, e a cujas publicações e impulso tanto deve, beija reverentemente com o mais espontâneo fervor a Mão do Sábio Imperante, que Protegeu também esta obra, não só Protegendo o mesmo Instituto, senão Favorecendo e Estimulando o autor dela com Régia Munificência (VARNHAGEN, 1854, s/p).

41. Carta de fins de 1839.

42. Carta de 01/02/1852.

43. Carta de 28/02/1854.

Os comentários trazidos por Varnhagen nas cartas da época da publicação das edições da *História geral* ajudam a acompanhar relativamente o trabalho de edição na metade do século XIX, a impressão das estampas primeiro, o depósito do original para eventuais retoques ou adições ao texto, a tiragem de cópias, erratas, e um intermediário influente e conhecedor dos processos de edição. Como referido, contaria com Ferdinand Denis em Paris.

Varnhagen quase exigia ser reconhecido logo em vida, lamentando até da reação do Instituto quando da submissão da *História geral*, como nesta carta de 24 de setembro de 1856:

Que exemplos, Senhor, “aos futuros escritores”, quer dar esse Instituto, que escolhi para pedestal do nome de V. M. I. na portaria da minha obra! – Triste e esmorecido com tanta indiferença, ou talvez antes oposição e miséria, sigo entretanto agora com a impressão; mas creio que V. M. I. não se Oporá a que eu não o lance à fogueira inquisitorial do juízo público, enquanto não receber, senão a censura do Instituto ao 1º, ao menos algumas palavras autênticas dele, por onde me conste se não levou na consideração que eu lhe quis dar o título com que me apresento no frontispício, para que no 2º volume eu possa apresentarme assim ou de outro modo: v. gr. com as desonras de “*Ex-sócio &c*” (VARNHAGEN, 1961, 236. Grifo do autor).

As reclamações não poupavam as vistas de D. Pedro II e estiveram presentes em outros momentos sobre variadas questões. Achando-se sempre diminuído com relação aos colegas, dizia só poder se valer do Imperador, sentindo-se confortável para se queixar de tudo, inclusive da demora do monarca em reconhecer seus esforços pela escrita da história nacional em forma de *graça espontânea*, um título.

Considerações finais

A rede de pesquisa tecida na correspondência ativa de Varnhagen pode ser mensurada pelas informações e comentários encaminhados a partir das cartas. A relação epistolar construída principalmente com Cunha Rivara permite explorar a dinâmica da escrita histórica de Varnhagen como a elaboração de projetos, obtenção de cópias de documentos e sua consequente análise e interpretação, além da leitura crítica de outros autores e comentários de teor teórico-metodológico. No conjunto, expressavam a articulação de “modos de *fazer* a história aos modos de *ser* um historiador” (GONTIJO, 2004, p. 118. Grifo da autora), derrubando a ideia edulcorada do intelectual como gênio, homem de exceção. Ao trocar livros, favores e conselhos, julgava estar lançando uma “insignificante *pedrinha*” (VARNHAGEN, 1961, p. 44. Grifo do autor)⁴⁴ no edifício literário do amigo, e com isso não deixava de colocar uma maior no seu próprio edifício.

44. Carta de dezembro de 1839.

O envio de presentes de papel e a troca de gentilezas materializada pela escrita estabelecia, concretizava e reproduzia relações de amizade, em outras palavras, cartas produzindo amigos. Assim, a correspondência pessoal funciona como espaço que define e é definido pela sociabilidade de seu titular, propiciando esboçar uma rede de relações (VENANCIO, 2001, p. 30-32). Se não ensinam algo “mais verdadeiro” por se tratar da escrita íntima do autor, o gosto pelos arquivos privados ao menos promovem uma mudança de foco (PROCHASSON, 1998, p. 117), no caso aqui tratado, de como o trabalho de Varnhagen como historiador se beneficiou dos contatos articulados em diversos países, e no Brasil onde ele pouco viveu, mas conhecia a história como poucos em seu tempo.

Referências

CENTRO DE HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO DIPLOMÁTICA. **A missão Varnhagen nas Repúblicas do Pacífico: 1863-1867**. v. 1. Rio de Janeiro: CHDD; Brasília: FUNAG, 2005.

GLEZER, Raquel. “Amicíssimo”: cartas entre Varnhagen e Cunha Rivara (1839-1849). In: GLEZER, Raquel; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal (Org.). **Varnhagen no caleidoscópio**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

GONTIJO, Rebeca. A reta e o círculo: amizade, projeto intelectual e construção identitária nas cartas de Capistrano de Abreu a João Lúcio de Azevedo (1916-1927). **Trajetos**, Revista de História UFC, Fortaleza, v. 3, n. 5, 2004.

_____. *Entre quatre yeux*: a correspondência de Capistrano de Abreu. **Escritos**: Revista da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, n. 2, p. 49-73, 2008.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Historiografia e nação no Brasil: 1838-1857**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

IUMATTI, Paulo Teixeira; NICODEMO, Tiago Lima. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 97-120, 2018.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; NEVES, Guilherme Pereira das. Um bibliófilo liberal: Varnhagen diplomata nas Repúblicas do Pacífico (1863-1867). In: GLEZER, Raquel; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal (Org.). **Varnhagen no caleidoscópio**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

IUMATTI, Paulo Teixeira; NICODEMO, Tiago Lima. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 97-120, 2018.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; NEVES, Guilherme Pereira das. Um bibliófilo liberal: Varnhagen diplomata nas Repúblicas do Pacífico (1863-1867). In: GLEZER, Raquel; GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal (Org.). **Varnhagen no caleidoscópio**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

PROCHASSON, Christophe. "Atenção: verdade!". Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. **Estudos Históricos**, São Paulo, n. 21, p. 105-119, 1998.

PROTÁSIO, Daniel Estudante. Francisco Adolfo de Varnhagen e algumas linhas de força da historiografia portuguesa de seu tempo (1839-1841). **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 14, p. 27-43, abr. 2014.

TASCA, Michelle Fernanda. Alexandre Herculano e a construção do historiador. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 24, p. 130-143, ago. 2017.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Panorama, Jornal Literário e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis*, Lisboa, Tipografia da Sociedade, n. 217, jun. 1841.

_____. **História Geral do Brasil**. TOMO I. Madri: Imp. da V. de Dominguez, 1854.

_____. **Correspondência ativa**. Rio de Janeiro: INL, 1961.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 23-47, 2001.

RESUMO

O artigo discutiu aspectos da prática historiográfica de Francisco Adolfo de Varnhagen a partir da correspondência do autor. A epistolografia do historiador paulista pode ser analisada como fonte para observar ideias, relações de amizade e trabalho, construindo uma rede de sociabilidades que funcionava também como uma rede de pesquisa, contando com amigos e pesquisadores em vários países, entre eles colegas do Jornal O Panorama de Lisboa e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), integrantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Imperador D. Pedro II. Nesse sentido, a atuação como diplomata na Europa e na América do Sul contribuiu para a troca de ideias com letrados de diversos locais. A correspondência ajuda a compreender a dinâmica da escrita histórica de Varnhagen inerentes ao ofício do historiador oitocentista como a pesquisa arquivística, elaboração de projetos, produção de cópias, análise e interpretação de documentos, e comentários de cunho teórico-metodológico.

PALAVRAS-CHAVE

Cartas, Varnhagen, Redes de pesquisa, Escrita histórica.

ABSTRACT

The article discussed aspects of Francisco Adolfo de Varnhagen's historiographical practice based on the author's correspondence. The epistolography of the São Paulo historian can be analyzed as a source to observe ideas, friendship and work relationships, building a network of sociability that also worked as a research network, counting on friends and researchers in several countries, among them colleagues from the newspaper O Panorama of Lisbon and the Brazilian Historical and Geographical Institute (IHGB), members of the Ministry of Foreign Affairs and Emperor D. Pedro II. In this sense, acting as a diplomat in Europe and South America contributed to the exchange of ideas with scholars from different places. The correspondence helps to understand the dynamics of Varnhagen's historical writing inherent to the 19th century historian's craft, such as archival research, project development, copy production, analysis and interpretation of documents, and theoretical-methodological comments.

KEYWORDS

Letters, Varnhagen, Research networks, Historical writing.

ANA PRISCILLA DE SOUSA SÁ

RECEBIDO: 21.06.2022

ACEITO: 20.12.2022

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0048-280X>

E-mail: priscilareds@hotmail.com